

O participípio presente no português antigo¹

Alexandra Fiéis, Maria Lobo e Cláudia Martins

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

This paper describes the behavior of present participles in a corpus of Old Portuguese and it raises some hypotheses concerning their syntactic status, compared to other non-finite forms. Although present participles in contemporary Portuguese no longer exist as verbal forms, in Old Portuguese we could find verbal occurrences of this form. In Old Portuguese, present participles could occur in typical adjectival contexts, while still maintaining verbal properties. Although there is some overlapping between present participles and gerunds, we argue that the functional structure of present participle clauses is more defective than the functional structure of gerund clauses.

Keywords: present participle, gerund, Old Portuguese

Palavras-chave: participípio presente, gerúndio, português antigo

1. Introdução

Em português contemporâneo, as formas em *-nte* podem ter um funcionamento adjectival (e.g. *pé dormente, estrela cadente*) ou nominal (e.g. *o estudante, o presidente*) e mais esporadicamente preposicional (e.g. *durante a tarde*). No português antigo, contudo, as formas em *-nte* podiam ocorrer também com um funcionamento característico de uma forma verbal, tal como acontecia em latim (e.g. *dante vida perdurável*).²

Os participípios presentes, tal como outras formas não finitas (e.g. participípios passados), colocam questões interessantes, quer de um ponto de vista comparativo, quer de um ponto de vista diacrónico. De um ponto de vista gramática comparada, os participípios presentes levantam fundamentalmente dois tipos de questões: i) a sua categorização (como formas nominais ou verbais); ii) a sua especificidade relativamente às diferentes formas não finitas (participípios passados, gerúndios e infinitivos). De um ponto de vista diacrónico, interessa sobretudo perceber o que motivou o desaparecimento do uso verbal destas formas e quando se pode considerar que ele deixou de existir.

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto *Subordinação em Português Medieval* (PTDC/MHCLIN/4564/2012), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (MCTES).

² Possivelmente, já em latim existiriam usos distintos das formas em *-nte*, como participípios verbais, como adjectivos e como nomes (Brandão 1963).

Neste artigo, consideraremos fundamentalmente as propriedades sintáticas do particípio presente no português antigo, comparando-o com outras formas não finitas, em particular com o gerúndio, e mostraremos que, apesar de haver muita sobreposição com o gerúndio, é possível considerar que as orações com particípio presente são funcionalmente mais defetivas e categorialmente menos especificadas que as orações com gerúndio.

Na secção 2., fazemos o enquadramento das questões relativas à categorização. Na secção 3., referimos as questões relevantes para a caracterização das formas não finitas e das orações em que elas ocorrem. Na secção 4., fazemos uma descrição do funcionamento do particípio presente no nosso *corpus* do português antigo e comparamos o particípio presente com o gerúndio. Na secção 5., discutimos de que forma as propriedades de cada uma destas formas motivam uma estrutura sintática distinta para cada uma delas e apresentamos as principais conclusões.

2. Categorização

Tradicionalmente, as palavras são classificadas em classes, de acordo com as suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Esta classificação, aparentemente trivial, é bem mais complexa do que pode parecer à primeira vista. O que determina que uma palavra seja um nome, um adjetivo, um verbo ou uma preposição? Em que lugar da gramática são definidas as categorias das palavras – no léxico ou na sintaxe? Como dar conta de semelhanças e diferenças entre classes de palavras? A estas questões, diferentes modelos teóricos têm dado diferentes respostas. Relativamente às formas participiais, importa ainda perceber de que forma se pode dar conta do seu estatuto aparentemente híbrido, uma vez que são formas que associam propriedades típicas de adjetivos (morfologia em género e/ou número) a propriedades típicas de verbos.

No modelo generativista clássico (Chomsky, 1970), considera-se que as classes de palavras das categorias lexicais resultam da combinação de dois traços – nominal e verbal – de natureza binária [+/- N; +/- V]. A especificação categorial seria, portanto, determinada no léxico, sendo os adjetivos especificados como [+N, +V], os nomes [+N, -V], os verbos [-N, +V] e as preposições [-N, -V].

O modelo de traços binário de Chomsky (1970) permite dar conta de classes naturais que podem partilhar propriedades: por exemplo, é possível chegar à generalização de que só as categorias [-N] podem atribuir Caso. Admitindo que determinadas categorias podem ser subespecificadas, i.e. ter informação relativamente a apenas um dos traços, pode também dar-se conta de algumas propriedades híbridas de algumas classes de palavras. Uma análise deste tipo é feita por Jaeggli (1986) na sua análise do particípio passivo, que o autor trata como uma forma que está apenas especificada como [+V]. Desta forma, dá conta do seu funcionamento verbal, mas da sua incapacidade para atribuir caso estrutural (tal como os adjetivos).

Noutros modelos, incluindo o da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993; Marantz, 1997), assume-se que as raízes não estão associadas a informação categorial. É a junção na sintaxe a núcleos categorizadores (*v*, *n*, *a*) que vai determinar que uma raiz funcione como verbo, como nome ou como adjetivo. Nalguns casos, o núcleo funcional pode ser nulo (e.g. inglês *a hammer*_N, *to hammer*_V); noutros casos, pode ser lexicalizado por um morfema (e.g. *colonise*_V → *colonisation*_N). Nesta perspetiva, as categorias não são determinadas no léxico, mas são antes o resultado de operações de concatenação sintáticas.

A questão da categorização é complexa e são vários os trabalhos que procuram explorar o problema da categorização e explicar diferenças de que as análises tradicionais têm dificuldade em dar conta. Baker (2003) defende que as propriedades que caracterizam nomes, adjetivos e verbos não decorrem de traços determinados no léxico, mas antes de propriedades sintáticas associadas a cada classe. Para Baker, as

preposições são categorias funcionais (veja-se o facto de constituírem classes fechadas e de funcionarem como marcadores de Caso, por exemplo). A classe dos verbos caracterizar-se-ia por projetar uma posição de especificador, a classe dos nomes por estar associada a um índice referencial e a classe dos adjetivos seria uma classe não marcada, caracterizada pela ausência das propriedades associadas a verbos e a nomes.

Na realidade, os modelos generativistas pressupõem classes dicotómicas: uma categoria caracteriza-se por ter ou por não ter uma determinada propriedade. Esta assunção não é, contudo, pacífica. Existem modelos funcionalistas que assumem a noção de prototipicidade e uma classificação categorial escalar, em vez de dicotómica (cf. Croft, 1991). Este tipo de análise não é facilmente compatível com os modelos generativistas, que tendem a assumir sistemas binários. Seguindo um modelo binário, como é possível dar conta de que há categorias que são verbos prototípicos e outras que são verbos não prototípicos?

Esta questão coloca-se em particular relativamente às formas participiais (particípio passado e particípio presente), que podem acumular propriedades características de adjetivos (morfologia flexional e contextos de ocorrência) com propriedades características de verbos (seleção de um argumento nominal e possibilidade de ter sujeito próprio, por exemplo).

Ainda que o particípio presente, no português contemporâneo, tenha deixado de funcionar como verbo, no português antigo, ocorriam usos verbais desta forma (cf. Brandão, 1963), tal como acontece hoje ainda em línguas como o sueco (Thurén, 2008), o italiano (Benincà & Cinque, 1991), o inglês e o francês (cf. Martins, 2015). Esta forma coloca, portanto, questões interessantes para o problema da categorização e das categorias ‘híbridas’.

A questão da categorização dos participios e da sua maior ou menor defetividade tem sido abordada em vários trabalhos, de diferentes orientações teóricas e levanta diversas questões, nomeadamente quanto à estrutura argumental e caracterização aspetual destas formas (Arche, Fábregas & Marín, 2014; Bennis & Wehrmann, 1990; Blevins, 2005; Metzger-Asscher, 2010; Simone & Pompei, 2007; entre outros).

Seguindo modelos de inspiração funcionalista, Pompei (2004) e Simone & Pompei (2007) assumem que as categorias se arrumam num contínuo de acordo com propriedades mais ou menos prototípicas, de natureza morfológica, sintática, semântica e pragmática. Os participios presentes estariam nessa zona mais cinzenta da escala, partilhando propriedades de verbos e de nomes.

Muitos autores defendem, contudo, que há razões para manter um sistema em que as categorias são definidas por propriedades simples e tipificáveis em classes autónomas (Baker, 2003). Os autores divergem, contudo, quanto ao lugar da gramática em que essas propriedades são marcadas: Blevins (2005) propõe um sistema em que as categorias são determinadas por conjuntos de traços especificados no léxico; outros autores, como Baker (2003) e Marantz (1997), assumem que as categorias são fundamentalmente o resultado de configurações determinadas na sintaxe.

Relativamente aos participios (e por vezes a gerúndios), encontram-se análises que explicam as propriedades híbridas através da subespecificação destas formas, e análises que assumem que os participios podem pertencer a diferentes tipos, com propriedades sintáticas e semânticas distintas. Neste último caso, teríamos, na realidade, formas homófonas.

Blevins (2005), para dar conta do funcionamento de gerúndios e participios presentes do inglês, propõe que se mantenha um sistema de traços binário como o de Chomsky (1970), mas enriquecido com um novo traço [+/- adjetival]. Propõe ainda que algumas categorias – gerúndios e participios – estão subespecificadas quanto a alguns traços, o que explicaria a sua natureza híbrida.

Bennis & Wehrmann (1990) analisam os participios presentes em neerlandês (V + *-end*) e argumentam a favor da existência de dois tipos: um de natureza adjetival, outro

de natureza verbal. Mostram ainda que existem restrições à ocorrência dos participípios em diferentes contextos sintáticos: em posições a que os autores chamam de complementação (com verbos predicativos ou transitivos-predicativos) só podem ocorrer participípios derivados de verbos psicológicos; em posições de adjunção, não existem estas restrições – qualquer participípio pode ocorrer independentemente da sua estrutura argumental. Em posição de adjunção, os participípios derivados de verbos não psicológicos teriam sempre uma natureza verbal; em posição de adjunção, os participípios derivados de verbos psicológicos poderiam ter um funcionamento verbal ou adjetival; e em posição de complementação, em que só ocorrem participípios derivados de verbos psicológicos, estes teriam sempre funcionamento adjetival. Contudo, os autores deixam em aberto a explicação para estas restrições.

Meltzer-Asscher (2010), num estudo sobre participípios presentes em inglês e em hebraico, defende que é possível identificar dois tipos de participípios: um de natureza adjetival, formado no léxico; outro de natureza verbal, determinado na sintaxe. Não estaríamos, pois, perante uma forma híbrida, mas antes perante duas formas homófonas, com propriedades distintas.

Thurén (2006) estabelece uma tipologia dos participípios presentes em sueco (V + –*ande/–ende*) e identifica três subtipos: um tipo puramente adjetival, em que o sufixo foi reanalisado como marca de adjetivo, outro funcionando como participípio presente adjetival, outro com funcionamento verbal. A autora explica as diferenças entre estes dois últimos tipos através da assunção de que ambos partilham um núcleo Aspetual, responsável pelo valor Imperfetivo, estando o tipo adjetival associado a um núcleo *a*, e o segundo associado a um núcleo *v*, o que explica que possa seleccionar simultaneamente um argumento externo e um argumento interno.

Também Lundqvist (2011) dá conta de propriedades de participípios adjetivais e verbais através da assunção de que divergem na sua constituição interna e discute um aspeto raramente contemplado – a relação entre as propriedades internas e a distribuição sintática que estas formas podem ter. Na sua análise, uma forma participipial, ainda que tenha estrutura eventiva, continua a ter propriedades características de adjetivos. A distinção entre participípios chamados verbais ou adjetivais estaria assim no facto de só os primeiros serem eventivos.

Medeiros (2006), considerando as formas em –*nte* do português contemporâneo e seguindo o modelo da Morfologia Distribuída, considera que é possível identificar dois subtipos: os que não têm uma base verbal (e.g. *gigante*, *inocente*, *paciente*) e os que têm uma base verbal. Estes podem funcionar como nomes (e.g. *ajudante*) ou como adjetivos (e.g. *comovente*). Só nos itens de base verbal, –*nte* realizaria um nó Aspetual (Imperfetivo). O autor não considera, no entanto, os participípios do português antigo, que mantinham propriedades verbais.

3. Sintaxe das orações não finitas

As formas de participípio presente são classificadas como formas não finitas, a par de gerúndios, participípios passados e infinitivos. Todas estas formas têm em comum o facto de não flexionarem em tempo, distinguindo-se das formas de indicativo e conjuntivo. Não é, contudo, evidente o que distingue as formas não finitas entre si, nem o que determina as propriedades das orações em que estas formas ocorrem. É claro que a cada forma estão associadas propriedades aspetuais distintas, mas é necessário determinar a natureza exata dessas distinções, tanto mais que se encontram mudanças no funcionamento destas formas na história do português.

A natureza das formas de participípio passado do português foi analisada por Duarte & Oliveira (2011), na sequência de trabalhos realizados para outras línguas (nomeadamente para o grego). Também no português, as autoras mostram que é possível distinguir diferentes tipos de participípios passados – estativos, resultativos e

eventivos – que se distinguem através de propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas. Seguindo os trabalhos de Embick (2004) e Alexiadou & Anagnostopoulou (2008), que estabelecem uma tipologia de participios gregos em *–menos* e em *–tos*, as autoras propõem que os participios passados estativos têm uma estrutura funcional mais defetiva do que os participios resultativos e eventivos. Também Sleeman (2011) identifica diferentes tipos de participios passivos (adjetivais e verbais) em inglês e em neerlandês e relaciona as diferenças de interpretação com diferenças na sua estrutura interna, seguindo propostas como a de Embick (2004). Estes trabalhos não discutem, contudo, a questão da distribuição sintática das formas participiais.

Relativamente às formas infinitivas, muitos trabalhos têm mostrado que há diferentes graus de defetividade associados a diferentes tipos de estruturas infinitivas, considerando sobretudo estruturas de complementação dependentes de diferentes classes de verbos (Gonçalves 1999, entre outros, para o português). Brito (2012), ao analisar nominalizações de infinitivos, mostra também que o infinitivo pode preservar propriedades verbais em algumas estruturas de nominalização. A autora discute a estrutura interna de diferentes tipos de nominalizações de infinitivos, seguindo modelos como o de Alexiadou (2001), e propõe que a cada tipo estão associadas diferentes camadas nominais e verbais, que explicam o seu caráter mais ou menos híbrido. A questão da distribuição sintática das orações infinitivas, porém, não tem merecido a mesma atenção.

Quanto ao gerúndio, Lobo (2001) e (2003), na sequência de trabalhos realizados para outras línguas, mostra que existem diferentes tipos de orações gerundivas, com diferentes propriedades sintáticas. A autora procura ainda explicar diferenças entre o funcionamento de orações gerundivas e participiais, por um lado, e orações finitas e infinitivas, por outro: em contexto de modificação adverbial, as primeiras não são geralmente introduzidas por conetores, ao passo que as segundas são obrigatoriamente introduzidas por conetores; as primeiras ocorrem em estruturas de complementação, mas as segundas não.

Fiéis & Lobo (2011) procuram dar conta de diferenças na distribuição sintática de gerundivas e infinitivas no português antigo e no português contemporâneo através da hipótese de que o domínio funcional das orações gerundivas continha traços- ϕ subespecificados que evoluíram para traços- ϕ negativamente especificados. A possibilidade de uma oração não finita ocorrer em domínios de complementação, nesta perspetiva, depende da existência de traços associados ao domínio funcional.

As diferentes formas verbais não finitas parecem, assim, caracterizar-se não só através de diferenças nos núcleos internos ao domínio verbal (incluindo núcleos aspetuais e núcleos relacionados com a estrutura argumental), mas também na complexidade da estrutura funcional externa ao domínio verbal. A forma como a estrutura funcional das orações não finitas se relaciona com a sua distribuição sintática (i.e. com a possibilidade de funcionarem como argumento ou como modificador) requer, contudo, uma análise mais detalhada.

4. O participio presente no português antigo

Nesta secção, apresentamos a descrição do funcionamento do participio presente nos nossos dados do português antigo e comparamos o participio presente com o gerúndio, não sem antes caracterizarmos o *corpus* que foi objeto de estudo e do qual os dados foram extraídos.

4.1. Caracterização do *corpus* e da metodologia de recolha de dados

Para a análise do funcionamento do participio presente no português antigo, foi feito um levantamento das formas de participio presente existentes nos textos do *Corpus*

Informatizado do Português Medieval (CLUNL, FCSH -UNL), pertencentes aos séculos XII–XVI, com textos de diferentes tipologias textuais (textos literários e não literários), pertencentes aos diferentes séculos. Para o levantamento das formas, foi utilizado o Programa *Concordance*.

Foram considerados vários parâmetros de análise, tendo em conta o contexto sintático em que ocorria a forma: i) distribuição sintática; ii) presença/ausência de sujeito; iii) presença/ausência de complemento nominal; iv) categorias com que a forma coocorre; v) presença de negação; vi) sobreposição com contextos em que ocorrem outras formas não finitas (gerúndios); vii) modificação por advérbios de grau.

4.2. Análise das formas

De um ponto de vista morfológico, as formas de participio presente são formadas pelo tema verbal seguido do sufixo *-nte*. Podem flexionar em número, mas não têm morfologia de género, nem de tempo:

- (1) çarremos ho ouvido aas murmurações, (...) e a palavras vaãs e **provocâtes** a mal [séc. XVI, Cat]

Distinguem-se, assim, dos participios passados, caracterizados pela junção do sufixo *-d(o/a/os/as)*, que manifestam morfologia de género e número (*provocado*), dos gerúndios, caracterizados pela junção do sufixo *-ndo* e que são invariáveis (*provocando*) e dos infinitivos, que se caracterizam pelo sufixo *-r* (*provocar*), e que, em alguns contextos, podem flexionar em pessoa.

Há, no entanto, formas em *-nte* que, mesmo no português antigo, deverão ter um funcionamento de adjetivo e não de verbo. Embora, em muitos casos, não haja evidência clara para o estatuto da forma, o carácter puramente adjetival é visível em casos em que não é possível encontrar um radical verbal ou não existe o verbo correspondente, como em *descontente*.

De um ponto de vista aspetual, não é muito claro o valor do participio presente. Pode verificar-se que é compatível com todas as classes aspetuais de verbos – estados, processos, processos culminados e culminações:

- (2) E, **estantes** as propiedades pesoaaes em rellaçom de hũa pessoa aa outra e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum (séc. XIV, CI)
 (3) em semelhança dagaia **voamte** com impetu (séc. XV, LHB)
 (4) Oo luz viva non mortal verdadeyram(en)t(e) **alomeante** todalas cousas saa e alomea este cego (séc. XII/XIV, VS4)
 (5) a. E trara o senhor a ty **caimte** amte os teus imigos (séc. XV, LHB)
 b. e bem asy deue fazer todo fiel christão ã esta uida **falecente**, ajuntar muytos merecimentos (séc. XV, OE)

Apesar de estar geralmente associado a propriedades ou estados não concluídos (Medeiros, 2006), não é claro o valor da forma participial, que pode equivaler a adjetivos e a gerúndios (ver 4.3.), mas também mais raramente a participios passados (cf. Martins, 2015):

- (6) En testemuynho desto dey a el esta mha carta seelada (...) **Dante** en Coinbra trijnta dias de Janeiro. (séc. XIV, CDA)

Se o particípio passado parece implicar geralmente um estado resultante, essa não é geralmente a interpretação que parece ter o particípio presente, como se pode ver nos exemplos de (2)-(5), em que o particípio parece estar associado a valores estativos não resultativos, sendo o intervalo de tempo do particípio sobreponível com o da situação da oração principal.

Também o valor aspetual do gerúndio não é óbvio. Ainda que em complexos verbais e em estruturas predicativas ele esteja geralmente associado a valores progressivos (cf. (7)), em orações adjuntas o gerúndio pode ter valores não durativos, estando associado a valores adverbiais (tempo, condição) (8)-(9):

- (7) hũu dia pella manhaa, **estamdo se vestimdo** a hũa janella que estava fechada, e porque lhe deu o sol nos olhos, dise que não descamsarya (séc. XVI, CRB)
- (8) pois **chegamdo** se as suas festas mayns principaes veyo se elrey da cidade nova a esta cidade de Bisnaga (séc. XVI, CRB)
- (9) **Morrendo** algũu sen fala de guisa q(ue) nõ fizesse testam(ẽ)to, a eyg(re)ia onde he freegues nõ ha rrazõ de demandar testamento nõ nõ hũa (co)usa de seu au(er) saluo ende se o ouuesse p(or) custume enaq(ue)la terra de demandar algũa (co)usa. (séc. XIV, PP)

De um ponto de vista sintático, podemos encontrar diferentes formas em *-nte*:

- a) formas que têm uma distribuição característica de nomes – ocorrem precedidas de determinante e podem ser coordenadas com nomes ou constituintes nominais:
 - (10)a. tornada pera nossa çidade e terra **dos vivẽtes**, donde toda lagrima e miseria cessará. [séc XVI, CAT]
 - b. Et quẽ quer que **este (con)uenẽte** falecer Anter nos (e) uos pecte ad alia p(ar)te quingẽtos solidos. [séc. XIII, CHP]
 - c. commove e contorva a alma **do orante**. [séc. XV, LC]
 - d. E, porque he sacrificio, teẽ virtude pera satisfazer tão quãta he a devaçom e fervor **dos offereçentes e daquelles por quẽ se offreçe** [séc. XVI, CAT]
 - e. Et se p(er) vent(ur)a foren ocupadas ou enba(r)gadas as d(i)tas capelanjas ou **os d(i)tos meus h(e)rdeyros et seus deçendent(e)s** asy p(er) b(is)po como p(er) cabidoo [séc. XV, HGP]
- b) formas que têm uma distribuição característica de adjetivos – podem ser modificadas por advérbios de grau e podem ser coordenadas com adjetivos e nem sempre têm uma base verbal identificável:
 - (11)a. e sabido ysto pollo capitão Meliquy niby foy **muy alegre e contente** [séc. XVI, CRB]
 - b. teer algũa boa occupaçõ, consiirar que somos cõvidados a hũa çea **habundante e muyto rica** [séc. XVI, CAT]
 - c. que nom podia penssar que mal me vehesse por obrar no que me prazia, e **tam contente** era de o fazer. [séc. XV, LC]
 - d. o que faziamos na **mais conveniente** forma que se nos entendia [séc. XV, LC]
 - e. de que os capitaẽes e gente, (...) viviã **muy descontentes** [séc. XVI, CRB]
- c) formas que têm características próprias de verbos – podem ter complementos nominais ou oracionais (12a-c), podem ter sujeitos próprios (12d-e) e têm sempre uma base verbal identificável:

- (12) a. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, **temête o dia de mia morte** [séc. XIII, TL]
 b. porem nos, **queremtes prover a homrrae estaado dese Joanne Rei** (...) por estas presentes o fazemos certo [séc. XV, CDJI]
 c. veeronse pera el e confortarõno o mais que poderon e fezeronlhe **entendente que fazer doo nõ lhe avya prol**; mas que se trabalhasse d'aver outro conselheiro, ca chorar e carpyr nõ era pera rey. [séc. XIV, CGE]
 d. E, **estantes as propiedades pesoaaes** em rellaçom de hũa pessoa aa outra, e estante a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum a todas. [séc. XIV, CI]
 e. das cousas q(ue) uẽẽ come das outras q(ue) no~ ssom uistas (...) e o **Sp(ir)ito S(an)to sainte** d'anbos, todos tres d'hũa natura [séc. XIV, PP]

d) formas que parecem funcionar como preposições ou expressões adverbiais:

- (13) a. porque este podem estar asentados, e outrem não por gramde senhor que seja, **salvante** se lho mamdar [séc. XVI, CRB]
 b. nem chamarom a out(ro) algũu Senhori'õ nem per elle farom feu nem foro a out(ra) nenhũa pessoa (e) **durante** ho t(em)po das ditas tres vidas ho nom possam leixar nem engeitar nem ho di(c)to m(osteiro) lha possa tolher [séc. XVI, DN]

Não considerando os contextos em que têm uma distribuição característica de nomes ou de expressões preposicionais ou adverbiais, as formas em *-nte* podem desempenhar diferentes funções sintáticas: i) adjunto/modificador de um constituinte nominal (14); ii) predicativo do sujeito (15) ou do complemento direto ou indireto, com verbos transitivos predicativos ou causativos (16); iii) adjunto/modificador do predicado ou da oração (17), por vezes precedido de preposição (*até* ou *sem*) (18):

- (14) a. respomdeo (...) que elle comsyradas todallas cousas (...) e outras (...) razoavees causas a esto **movemtes** seu coraçao, esse Joanne Rei, aquel tempo Mestreda dita Hordem, absolvera e abelitara [séc. XV, CDJI]
 b. q(u)alq(ue)r das partes (...) peyte aaout(r)a p(ar)te **aguardante** o p(r)azo Ginq(u)oenta mor et o p(r)azo fique semp(re) firme [séc. XIII, HGP]
 c. A esta se reduz a virtude da penitência que he habito electivo **incrinãte** a voõtade a aver door e desprazer do pecado e ofensa de Deos, com sperança do perdã e proposito de se enmêdar, confessar e satisfazer, castigando a si mesmo per sua voõtade. [séc. XVI, Cat]
 d. en essa carreya **u(er)tente** as aguas a vdyuelas & as peçenas [séc. XIII, CA]
- (15) a. e seras sempre **sostemte** calunias e forças e oprimido todollos dias [séc. XV, LHB]
 b. e preguntarõno como fora tanto **obedyente** [a]aquelle homen [séc. XIV, CGE]
- (16) a. Si, disse ele, eu o achei **ooíte** em mal ponto por mim. [séc. XV, DSG]
 b. E, essa noyte, fezelho **crêête** que avya hi hũu postigoo per onde tomaria Çamora. [séc. XIV, CGE]
- (17) a. E, **estantes** as propriedades pesoaaes em rellaçom de hũa pessoa aa outra e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum [séc. XIV, CI]

- b. e descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os) que te reciben dignam(en)t(e) [séc. XIII/XIV, VS]
 - c. Eu por en [bem] vo-lo rogo e vo-lo dou em conselho:/que vós **entrante a Sevilha**, vos catedes no espelho e nom dedes nemigalha por vinte de Joam Coelho vo-lo dou em conselho [séc. XIII, CEM]
- (18) a. que esteuesse aly des o serão **ataa o gallo cantante** e que lhe não encubrisse todo o que lhe acontecesse (...) [séc. XV, OE]
- b. durou o fogo per grande espaço. Outrossi no ano seguinte (...) des a mea noite **ataa sahinte de missas**, fez mui grande tormenta [séc. XV, CDF]
 - c. Deos obra em nós as virtudes **sem nós, scilicet, fazentes**, e nom **sem nós comsemtintes**, [séc. XVI, Cat]

Os contextos de adjunção adnominal e predicativos são contextos em que ocorrem tipicamente adjetivos. No entanto, mesmo nestes contextos o particípio presente mantém propriedades verbais, podendo selecionar complementos nominais. O facto de haver esta sobreposição de funções leva a que muitos dos exemplos sejam de facto ambíguos, não sendo possível dizer com clareza se temos uma forma que funciona apenas como adjetivo ou se temos uma forma que mantém um funcionamento verbal. Sempre que o particípio deriva de um verbo intransitivo ou de um verbo que seleciona um complemento preposicionado, teremos uma forma ambígua. São mais numerosos, portanto, os casos de ambiguidade do que os casos em que temos claramente uma forma verbal.

Globalmente, contudo, nos textos de português antigo, os usos claramente verbais do particípio presente são numericamente muito inferiores aos usos nominais e adjetivais.

4.3. Comparando os particípios presentes com os gerúndios

Nos textos de português antigo, podiam encontrar-se particípios presentes em contextos semelhantes aos do gerúndio (Lobo, 2003; Martins, 2015), o que poderia levar a pensar que estas formas tinham valores semânticos equivalentes e um funcionamento sintático parecido:

- (19) *fazente / fazendo*.
- a. muler q(ue) fuy de Froya Suariz, **fazente** por si & por toda a uoz deste seu marido (...) [séc. XIII, HGP]
 - b. como nos Johã Martins & Migel Martins & Mayor Martins, hermaos, **fazendo** por nos & por nossa herma'a' (...) [séc. XIII, HGP]
- (20) *temente / temendo*.
- a. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, **teme)te** o dia de mia morte (...) [séc. XIII,, TL]
 - b. Este he o testame)to q(ue) eu Lopo Rro(drigue)z de Nozedo ffaço iazendo na p(r)igon de Deus & **teme)do** dia de meu pasame)to (...) [séc. XIII,, HGP]
- (21) *reinante / reinando*.
- a. **Regnante** en Leon & 1) Galliza & in Castella rey dō Afonso [séc. XIII,, HGP]
 - b. **Renãdo** Rey dō Affonso en Leõ & en Castella cō todos seus rreynos [séc. XIII,, HGP]
- (22) *dante / dando*.

- a. e descendiste do ceo **dante** vida p(er)durav(e)l a(os)que te reciben dignam(en)t(e) [séc.XIII/XIV, VS]
- b. E farees esto **dando** spaço aas execuções de feito e dicto quando a com vosco sentirdes [séc.XV, LC]

(23) *estante / estando.*

- a. e **estante** a relaçom em ellas, fica em ellas o entender comum a todas. [séc.XIV, CI]
- b. **Estando** elle em Estorga, que era sua, enfermou da door de que morreo. [séc.XIV, CGE]

Contudo, uma análise mais fina permite verificar que existem diferenças entre participípios presentes e gerúndios, quer no que respeita a sua produtividade, quer no seu funcionamento sintático:

- a) Enquanto o gerúndio podia ocorrer na forma composta (i.e. com um verbo auxiliar no gerúndio – *tendo* ou *sendo* – seguido de um participípio passado), isso nunca acontece com o participípio presente:
- (24) Ca bem devees, senhor, dentender que **sendo** elles **entrados** per força (...) [séc. XV, CDF]
- (25) q(ua)ndo ouuerẽ de ffirir algũ(us) **auẽdo f(ey)to** cousas p(er) q(ue) o m(er)eçessẽ, q(ue) lho nõ façã p(or) desamor [séc. XIV, PP]
- b) Enquanto o gerúndio podia ocorrer com negação, isso nunca acontece com o participípio presente:
- (26) & nos entonçes **nõ** lo **querendo** por lo justo p(re)çio q(ue) lo diades a tal p(er)sona q(ue) sea semitalde vos manso & seguro q(ue) mãde labrar & rreparar & pagar todo noso dereyto en cada vn an(n)o [séc. XV, HGP]
- c) Enquanto a ocorrência de pronomes clíticos associados ao gerúndio é frequente (18)-(19), só há dois casos de clíticos associados a uma forma de participípio presente em dois textos diferentes, mas ambos no mesmo contexto sintático (29) (cf. Martins, 2015):
- (27) **auendoos** elle ante rrogados e deffendudo que o nõ ffezessem. [séc. XIV, PP]
- (28) Desta guisa **os ajũtando e dandolhi** o nome de lh(es)u Cr(ist)o tornaos assi como hũa pessoa. [séc. XIV, PP]
- (29) a. Se algũa das p(ar)tes uéer cõt(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhẽtos s(oldo)s [séc. XIV, HGP]
- b. Se algũa das p(ar)tes uéer cont(r)a este emplazam(en)to p(ar)a britalo, peyte aa p(ar)te **outo(r)gãteo** q(u)inhe~tos s(oldo)s e o plazo fiq(ue) en sa fi(r)mido~e e en sa forteleza. [séc. XIV, HGP]

A comparação entre a produtividade de participípios presentes e gerúndios mostra que as formas de gerúndio são muitíssimo mais frequentes. Contudo, ao contrário do que seria de esperar, a taxa de participípios presentes mantém-se estável ao longo dos séculos XII a XVI e não é sensível ao tipo de texto, i.e., encontram-se formas verbais de participípio presente quer em textos notariais, quer em textos literários.

Também a análise dos contextos sintáticos de ocorrência de gerúndios e de participípios permite verificar que o participípio presente ocorre sobretudo em contextos de modificação adnominal (os contextos de modificação do predicado ou da oração são numericamente menos expressivos), ao passo que o gerúndio ocorre sobretudo em contextos de modificação do predicado ou da oração. Assim, ainda que as duas formas partilhem alguns contextos, globalmente cada uma delas parece ser mais produtiva num determinado tipo de contexto sintático e há contextos em que apenas uma das formas ocorre: apenas o gerúndio ocorre em complexos verbais; o participípio ocorre sobretudo em contextos de modificação adnominal.

Consideremos agora a ordem de palavras interna às orações com participípio presente e com gerúndio. Como mostram Fiéis & Lobo (2010), no português antigo, tanto ocorrem ordens sujeito-verbo como ordens verbo-sujeito. Qualquer uma das ordens é possível com sujeitos plenos (30) ou com sujeitos pronominais (31) e com as diferentes classes de verbos – copulativos (32), transitivos (diretos ou indiretos) (33), intransitivos (34) e inacusativos (35):

- (30) a. **Joham Rrodriguez estando** no lugar, veo sobrelle concelho (...) [séc. XV, CDF]
 b. **Achando os abades ou os priores** que sseus mōges auia feyto algũs erros pero seiã pequenos podemos castigar [séc. XIV, PP]
- (31) a. **elos tenendo** e auendo este Castello eu pusi meus preytos & myas cōuenēzas [séc. XIII, CA]
 b. **auemdo elle** poder de os destroir. desffaria ssi mesmo [séc. XV, LTV]
- (32) a. **Estando elle** em Estorga, que era sua, enfermou da door de que morreo. [séc. XIV, CGE]
 b. E, **elle estando** em sua oraçon ante o sepulcro do apostollo Sam Pedro, em torno de mea noite, veeo subitamente sobre elle hũũ grande lume do ceeo que alumeou toda a igreja, per tal guysa que, as candeas que ardyã, parecia que nã davam lume nem hũa cousa. [séc. XIV, CGE]
- (33) a. ca, **ajudamdo eu** a deffender sua terra, defendo a mynha. [séc. XIV, CGE]
 b. e **ell consentindo** em esto, fogirom ambos, e assi foi livre da prisom. [séc. XV, CDF]
- (34) a. E, quando [foi] ã hora de meya noite, **dormyndo Rodrigo**, deulhe o gafo hũũ grande bafo per meo das espadoas [séc. XIV, CGE]
 b. E **ela choramdo** nã dizia nada nẽ respomdia, e o outro nã quedava descarneçer dela. [séc. XV, CDJ12]
- (35) a. E **chegando elles** a elrrei de Castella e preposta sua embaxada, firmarom outra composiçom e aveença sobre algu~uas duvidas e contendas que por rrazom daquellas pazes novamente rrecreciam. [séc. XV, CDF]
 b. E **el Rei cheguando** a Vitoria tornou lhe a dor que ouvera em Burguos, e os ffisicos lhe disseram que nã partise dali, porque a terra que avia de amdar era trabalhosa de maos caminhos. [séc. XV CDJ12]

Relativamente aos participípios presentes, verificamos que, apesar de os exemplos não serem numerosos, os casos em que encontramos ordem verbo-sujeito (em orações adjuntas) têm verbos de diferentes classes: inacusativos (36), copulativos (37), intransitivos (38), transitivos indiretos (39) (cf. Martins, 2015):

- (36) a. Esta erdade sobre dita iaz na uilla de Pielas súo signo de Sam Michael d'Oleiros, **discurrēte o rio do Buual** no couto d'Oleiros. [séc. XIII, HGP]

- b. obrigaua todos sseus bães & das d(i)tas pesoas a cõp(r)ir et agoardar o d(i)to aforam(en)to, seg(und)o em ele h(e) (con)tjudo et **saynt(e)s as d(i)tas pesoas**, q(ue) o d(i)to casal fiq(ue) lyure [séc. XV, HGP]
- (37) E, **estantes as propiedades pesoaaes** em rellaçom de hũa pesoa aa outra e **estante a relaçom** em ellas, fica em ellas o entender comum [séc. XIV, CI]
- (38) E **obrâte a graça do Sp(ir)itu S(an)to** vntou do olio da grande aleg(ri)a sobre todos sse(us) (con)panhēyros [séc. XIV, PP]
- (39) & a carta sêp(re) stauil seya en sua rreuor firmada. **Regnâte** en Castella & en Leõ **dom Sancho** [séc. XIII, HGP]

Os casos em que encontramos ordens sujeito-verbo são de diferentes tipos: i) orações adjuntas (40); ii) orações introduzidas pela preposição *até* ou *sem* (41); ii) oração aparentemente não dependente (42) (cf. Martins, 2015):

- (40) a. das cousas q(ue) uêẽ come das outras q(ue) nõ ssom uistas, (...) e o **Sp(ir)ito S(an)to sainte** d'anbos, todos tres d'hũa natura e d'hũa ygualdade das cousas [séc. XIV, PP]
- b. Ffeyta a carta sete dias de Agosto. (...). **Don Sanch(o)** en Cast(e)lla & en Leõ **reynant(e)**
- (41) a. e que esteuesse aly des o serão **ataa o gallo cantante** e que lhe nõ encubrisse todo o que lhe acontecesse [séc. XV, OE]
- b. Deos obra em nós as virtudes **sem nós**, scilicet, **fazentes**, e nom **sem nós comsemntintes** [séc. XVI, CAT]
- (42) **hũũ c(ra)stado que vê do paaço estâte** aa porta do m(oesteyr)o e q(ue)r ffallar (con)tigo [séc. XIII/XIV, VS]

Não se encontra, assim, uma relação clara entre ordem de palavras e classe verbal, nem diferenças claras entre gerúndios e participípios presentes relativamente a este aspeto.

5. Para uma sintaxe do participípio presente

Tendo em conta os dados apresentados na secção 4., podemos concluir que as orações com o participípio presente são mais defetivas do que as orações com o gerúndio, uma vez que não ocorrem na forma composta, não ocorrem com negação e raramente ocorrem com pronomes clíticos. Se admitirmos que estas propriedades implicam pelo menos a presença de um núcleo funcional Tempo, podemos atribuir as diferenças entre as duas formas a uma maior complexidade funcional das orações com gerúndio.

Assim, nas orações com gerúndio, é plausível admitir que é projetado um núcleo T e eventualmente C, se considerarmos que o conector *em* lexicaliza este núcleo periférico (Brito, 1984; Lobo, 2003; Fiéis & Lobo, 2010). Já nas orações com participípio presente é plausível admitir que o núcleo T não é projetado. Estas formas projetariam apenas um núcleo Aspetual, associado geralmente a valores imperfetivos.

Considerando que o participípio tem a capacidade de selecionar argumento externo, de ocorrer com sujeito próprio e de selecionar um complemento nominal, temos de admitir que, pelo menos nestes casos, é projetada alguma estrutura funcional no domínio verbal responsável pelo caráter eventivo desta forma. Assumimos, assim, que o participípio pode projetar um núcleo *v* (e eventualmente um núcleo Voice).

O facto de o participípio poder preceder o sujeito e de haver ocorrências de objetos a preceder o sujeito sustenta a ideia de que existe alguma complexidade interna à estrutura funcional do domínio verbal. Se, como argumenta Martins (2002, 2011), os objetos pré-verbais constituem casos de *scrambling*, teremos de admitir movimento do objeto para um domínio funcional interno ao domínio verbal.

Resta ainda a questão do caráter ‘híbrido’ dos participios presentes. Propomos que, no português antigo, o particípio pode corresponder a duas formas que diferem em complexidade: num caso, projeta apenas um núcleo Aspetual; noutro, projeta também um núcleo *v*. Contudo, não projetará T. Nas estruturas em que *v* não é projetado, a forma terá um funcionamento característico de um adjetivo.

O gerúndio, pelo contrário, projetará sempre um núcleo verbal *v* e T, ainda que T do gerúndio possa ser um T defetivo (Lobo, 2006).

Teremos de explicar ainda por que razão as orações participiais e gerundivas ocorrem principalmente como modificadores e não como argumentos, ainda que os gerúndios ocorram esporadicamente em posições argumentais no português antigo (cf. Fiéis & Lobo, 2011).

Para além disso, julgamos fundamental estudar detalhadamente as outras construções em que o particípio presente verbal ocorre, nos dados do português antigo, que não de adjunção adverbial, de forma a percebermos melhor a estrutura dessas construções. Possivelmente, esse estudo ajudará a explicar a motivação para o desaparecimento do particípio presente verbal no português e quando se pode considerar que ele deixou de existir.

6. Conclusões

Neste trabalho, mostrámos que, no português antigo, podiam ocorrer formas em *-nte* a funcionar como diferentes categorias e que se mantinha um uso verbal destas formas, ainda que a maioria dos contextos sejam ambíguos. Apesar de as orações com particípio presente ocorrerem principalmente em contextos característicos de adjetivos ou advérbios (estruturas de modificação) e de o particípio poder manifestar morfologia de número, as formas participiais podiam ocorrer com sujeitos próprios e selecionar complementos nominais e oracionais. Mostrámos ainda que, apesar de haver alguma sobreposição entre participios presentes e gerúndios, há propriedades que os distinguem e que levam a concluir que as orações com particípio presente eram funcionalmente mais defetivas do que as orações com gerúndio.

Referências

- Alexiadou, A. (2001) *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamin.
- Alexiadou, A. & E. Anagnostopoulou (2008) Structuring Participles. In Chang & Haynie, (orgs.) *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 33-41.
- Arche, M. J., A. Fábregas & R. Marín (2014) Introduction. Argument structure in adjectives and participles: Where are we? *Lingua* 149, pp. 95-117.
- Baker, M. C. (2003) *Lexical categories: Verbs, nouns and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Benincà, P. & G. Cinque (1991) Frasi subordinate al participio: participio presente. In L. Renzi e G. Salvi (eds.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione* 2, pp. 604-609.
- Bennis, H. J. & P. Wehrmann (1990) On the categorial status of present participles. In *Linguistics in the Netherlands 1990*. Foris Publications, Dordrecht, pp. 1-11.
- Blevins, J. P. (2005) Remarks on gerunds. In O. Orgun & P. Sells (eds.) *Morphology and the web of grammar: Essays in memory of Steven G. Lapointe*. Stanford: CSLI Publications, pp. 25-47.

- Brandão, C. (1963) *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Imprensa da Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Brito, A. M. (1984) Sobre as noções de sujeito e argumento externo: semelhanças entre a estrutura de F e a estrutura de SN em português. *Boletim de Filologia XXIX*, pp. 421-478.
- Brito, A. M. (2012) A nominalização do infinitivo em Português Europeu: aspetos sintáticos e semânticos. *Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. APL, pp. 98-120.
- Chomsky, N. (1970) Remarks on Nominalization. In R. Jacobs & P. Rosenbaum (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham MA: Ginn, pp. 184-222.
- Croft, William. (1991) *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago: University of Chicago Press.
- Duarte, I. & F. Oliveira (2011) Participípios Resultativos. *Textos Seleccionados XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 397-408.
- Embick, D. (2004) On the Structure of Resultative Predicates in English. *Linguistic Inquiry* 35(3), pp. 355-92.
- Fiéis, A. & M. Lobo (2010) Aspectos da sintaxe das orações gerundivas no Português Medieval e no Português Europeu Contemporâneo. *Textos Seleccionados. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 419-434.
- Fiéis, A. & M. Lobo (2011) Propriedades de gerúndios e infinitivos em português antigo. *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 256-265.
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Verbais Complexos em contextos de infinitivo não preposicionado em português europeu*. Diss. Doutorado, Univ. Lisboa.
- Halle, M. & A. Marantz (1993) Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, pp. 111-176.
- Jaeggli, O. (1986) Passive. *Linguistic Inquiry* 17(4), pp. 587-622.
- Lobo, M. (2001) Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL. Lisboa, pp. 247-265.
- Lobo, M. (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Diss. de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Lobo, M. (2006) Dependências Temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português. *Veredas (Revista de Estudos Linguísticos)*, Vol. 10, 1-2, pp. 59-75.
- Lundquist, B. (2011) The Category Of Participles. Categorization and Category Change. Tromsø. University of Tromsø.
- Marantz, A. (1997) No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In A. Dimitriadis *et.al.* (eds.) *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*: Vol. 4 (2), Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, pp. 201-225.

- Martins, A.M. (2002) The Loss of IP-scrambling in Portuguese. Clause Structure, Word Order Variation and Change. In D. Lightfoot (ed.) *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 232-248.
- Martins, A.M. (2011) Scrambling and Information Focus in Old and Contemporary Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics* 10, pp. 1-26.
- Martins, C. (2015) “*entrante aa noite*” *O particípio presente no português antigo*. Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Medeiros, A. (2006) O Particípio Presente no Português. *Revista Letras* (Curitiba) 69, pp. 191-211.
- Meltzer-Asscher, A. (2010) Present participles: Categorical classification and derivation. *Lingua* 120 (9), pp. 2211-2239.
- Pompei, A. (2004) Propriétés nominales et propriétés verbales du participe. *Studi italiani di linguistica teorica ed applicata* 33(1), pp. 31-48.
- Simone, R., & A. Pompei (2007) Traits verbaux dans les noms et les formes nominalisées du verbe. *Faits de langues* 30, pp. 43-58.
- Sleeman, P. (2011) Verbal and adjectival participles: Position and internal structure. *Lingua* 121, pp. 1569-1587.
- Thurén, C. (2006) The syntax of Swedish present participles: the lexical category problem. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 77.